




## Corpo alugado: o trabalhador freelancer em uma economia flexível

### Rented body: freelancer worker in a flexible economy

César Henrique Silva Rezende<sup>1</sup> , Eduardo Camargo Aguiar<sup>2</sup> , Sonia Regina Vargas Mansano<sup>3</sup> 

O corpo é historicamente atravessado por processos de subjetivação que vigoram diferentemente a cada tempo. Atualmente, ele tem se desenvolvido segundo os imperativos da racionalidade neoliberal, que é uma configuração específica do capitalismo proveniente de flexibilidade, com alto desempenho e produtividade. Nesse cenário, o sujeito tende a compreender aos valores capitalistas como naturais e indispensáveis para vida. Exemplo disso é o profissional denominado freelancer que atua sem garantias dos vínculos empregatícios e recebe por dia ou hora trabalhados. Capturado pelos valores disseminados pela racionalidade neoliberal, esse profissional se torna a personificação do empresário de si mesmo, colocando-se como alguém flexível e que zela pelo aprimoramento constante do desempenho. O presente artigo teve como objetivo compreender como o corpo do trabalhador freelancer se conecta a essa racionalidade neoliberal, fortalecendo-a. Adotando uma metodologia qualitativa, descritiva e de campo, foram combinados roteiros semiestruturados com três trabalhadores freelancers. Os dados apresentam como exigências recaem sobre o corpo desse trabalho a fim de que o mesmo desenvolva novas características e utilidades compatíveis com tais valores. Valendo-se de tecnologias de comunicação, o trabalhador é convocado a colocar em cena suas relações sociais e afetivas com vistas a ampliar a produção. Ao final do estudo foi possível constatar que o freelancer se tornou uma espécie de modelo para o trabalho contemporâneo à medida que se conecta à racionalidade neoliberal, reproduzindo e reforçando seus pressupostos.

**Palavras-chave:** Corpo. Freelancer. Racionalidade Neoliberal. Desempenho. Flexibilidade.

The body is historically traversed by subjectivation processes that are different each time. Currently, it has developed according to the imperatives of neoliberal rationality, which is a specific configuration of capitalism that comes from flexibility with high performance and productivity. In this scenario, the subject tends to think capitalist values as natural and indispensable for your life. An example of this is the professional called freelancer, who works without any guarantee of employment relationship and receives per day or per hour worked. Captured by the values disseminated by neoliberal rationality, this professional becomes the personification of the "intermediary of oneself", placing oneself as someone flexible and who seeks to improve performance. This article aimed to understand how the body of the freelance worker is connected to this neoliberal rationality, strengthening it. Adopting a qualitative, descriptive, and field methodology semi structured scripts were combined with three freelance workers. The data present how demands fall on the worker's body so that they develop new features and utilities compatible with such values. Using communication technologies, the worker is called upon to put on stage their social and affective relationships in order to expand production. At the end of the study, it was possible to verify that the freelancer became a kind of model for contemporary work as it connects itself to neoliberal rationality, reproducing and reinforcing its assumptions.

**Keywords:** Body. Freelancer. Neoliberal Rationality. Performance. Flexibility.

**Autor correspondente:** César Henrique Silva Rezende

**E-mail:**  
cesarhsrezende@gmail.com

**Declaração de Interesses:** Os autores certificam que não possuem implicação comercial ou associativa que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

<sup>1</sup> Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em administração e jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina(UEL). Atualmente é membro do projeto de pesquisa Mapeamento do cooperativismo no Brasil: evolução, modelos e perspectivas.

<sup>2</sup> Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Norte do Paraná e graduado em Administração pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro do grupo de pesquisa "Corpos nas Organizações: Repensando a Naturalidade".

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-graduação e Administração, do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Produtividade do CNPq - 2.

## INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em dezembro de 2019 o Brasil possuía uma taxa de desemprego situada em 12,2% e um mercado de trabalho informal com cerca de 37 milhões de trabalhadores (UOL, 2020). Dentro desse contexto de informalidade e desemprego, um tipo de trabalhador se tornou cada vez mais comum, o denominado *freelancer*. Definir o termo *freelancer* pode incorrer em certas generalidades e preconceitos. Em um país como o Brasil, marcado por desigualdade social e de renda, o trabalhador formal ter um “bico” (renda-extra) para complementar seu salário é bastante comum (RATCHER, 2019). Entretanto, há que se fazer ressalvas e isso implica desmistificar alguns pontos sobre o tema.

Segundo Kazi et al. (2014) a definição de *freelancer* pode ser entendida como trabalhador autônomo e/ou que atua por conta própria. Suas atividades podem ser realizadas sob uma variedade de formas, seja como proprietário independente ou parceiro independente de empresas não incorporadas, podendo também ser diretor de suas próprias empresas limitadas. O *freelancer*, portanto, remete a um tipo de trabalho autônomo, que faz serviços temporários e projetos vinculados informalmente a um ou mais empregadores (KAZI et al., 2014).

Para Almeida, Brasil e Nogueira (2017), *freelancer* é o trabalhador que não possui um vínculo formal e vitalício com a empresa, prestando, então, diversos trabalhos condizentes com sua formação e conhecimentos adquiridos por certo período de tempo em situação temporária. Zadik et al. (2019) definem que *freelancers* são trabalhadores independentes que, por conta própria, atuam com contratos de qualquer duração, em diversas funções e atividades, vinculando-se à atividade em projetos temporários.

Nas definições apresentadas até aqui, aparentemente há um caráter de escolha dessa vinculação por parte do *freelancer*. É como se esse trabalhador pudesse escolher livremente qual atividade deseja realizar. Entretanto, elas parecem desconsiderar fatores conjunturais como a economia, as questões políticas e o desemprego que são condições de vinculação para esse tipo de trabalho.

Já para Rainho (2008), o trabalhador *freelancer* pode ser tanto um empregado *freelancer*, um *freelancer* profissional ou ainda um desempregado *freelancer*, que pode ter as mesmas atribuições de um contratado via Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), mas que não possui uma proteção social equivalente. Segundo Zadik et al. (2019) o intuito das organizações em contratar trabalhadores temporários é economizar custos, aumentar a flexibilidade dentro da organização em relação às flutuações das demandas e evitar restrições legais, como as advindas de sindicatos e leis de proteção do trabalho. Com isso, esse tipo de trabalho precário serve como meio de sobrevivência na qual o corpo do trabalhador é praticamente alugado e descartado, sem que isso gere problemas legais e trabalhistas, fato que atesta uma racionalidade neoliberal excludente e cada vez mais acirrada.

Para atender a essa demanda, o corpo do *freelancer* deveria ser maleável, flexível e funcionar como um corpo servil àquilo que se apresenta como necessidade de mercado. Segundo Kim, Tonelli e Silva (2017), os trabalhadores tiveram de encontrar meios alternativos para exercer seu ofício, buscando preservar um lugar no mercado de trabalho. Com isso, eles são chamados a se adaptarem ao novo e ao inusitado, tão presentes em nosso tempo, sujeitando-se a uma exploração que busca extrair a máxima utilidade de seu corpo.

Ao dar ênfase a uma maior flexibilidade e a ausência de leis trabalhistas que regulamentem as relações de trabalho, transfere-se para o trabalhador todo o ônus da sua atividade, o que invariavelmente impõe jornadas de trabalho muito além das definidas pela legislação vigente, naturalizando sua dedicação como uma escolha livre. Nessa racionalidade, estruturada no esforço individual, exige-se um desempenho sempre mais eficaz e eficiente, levando o trabalhador a fazer a própria supervisão e controle de si mesmo.

Diante da diversidade de definições sobre o trabalho do *freelancer*, este estudo versa sobre o trabalhador que atua por conta própria, de modo autônomo, desempenhando serviços temporários simples, mas que possui exatamente as mesmas atribuições de um contratado CLT, sem, entretanto, contar com nenhuma proteção social equivalente.

Diante disso, cabe questionar: como o corpo do trabalhador *freelancer* está inserido nessa racionalidade neoliberal, na qual a flexibilidade e o desempenho são o imperativo de seu funcionamento? Foi tomando essa questão como norteadora que se definiu como o objetivo deste estudo compreender como o corpo do trabalhador *freelancer* se conecta à racionalidade neoliberal, fortalecendo-a. Para tanto, o trabalho teve uma parte teórica, na qual foi discutido como o corpo do trabalhador precisou se adequar a um novo tipo de subjetividade capitalística que prioriza o alto desempenho e o autocontrole sobre as atividades realizadas. Já na parte empírica, foi utilizada uma metodologia qualitativa, descritiva e de campo, valendo-se de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores *freelancers*, cuja análise teve como norteadora as noções de corpo, desempenho e flexibilidade apresentadas na parte teórica.

Ao final deste percurso foi possível evidenciar o quanto o trabalho do *freelancer* é marcado por novas exigências que o colocam na centralidade das decisões e da responsabilidade por sua subsistência. Isso praticamente desconsidera a grave crise trabalhista ora instalada bem como a perda acelerada do conjunto de conquistas trabalhistas, expondo os profissionais a condições insalubres e precárias no exercício cotidiano de suas profissões.

## **A ADMINISTRAÇÃO DO CORPO NA RACIONALIDADE NEOLIBERAL**

Para que a racionalidade neoliberal opere de forma eficaz é necessário que os indivíduos a incorporem, reproduzindo e propagando os seus princípios como uma verdade unívoca. É nesse contexto que utilizamos o conceito de corpo dócil tal qual definido por Foucault (1975/2018). Segundo ele, este corpo é treinado, adestrado, submisso e exercitado para executar aquilo que lhe é solicitado. Fabrica-se o corpo dócil por meio das disciplinas que permitem o controle minucioso das operações do corpo, realizando um sequestro constante do sujeito, de seu corpo e de suas forças, impondo-lhe uma relação de docilidade-utilidade. Diz Foucault (1975/2018, p. 135): “A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de ‘quadros vivos’ que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas”. Desse modo, “se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (FOUCAULT, 1975/2018, p. 119).

Essas disciplinas são exercidas por intervenções diretas no corpo do sujeito, fazendo com que os movimentos, os gestos, as atitudes e a velocidade sejam racionalmente planejados e vigiados. Além disso, ela diz respeito à economia e à organização interna do trabalho, sendo que “a única cerimônia que realmente importa é a do exercício” (FOUCAULT, 1975/2018, p. 135). Essa preocupação com o exercício se dá mais nos processos das atividades do que no seu resultado em si. Assim,

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (FOUCAULT, 1975/2018, p. 135).

Quando transportamos essa produção de um corpo dócil (FOUCAULT, 1975, 2018) para o contexto atual na racionalidade neoliberal, as exigências sofrem uma série de mudanças. O exercício

exigido do corpo nas práticas laborais precisa ser exato, eficiente e eficaz. Assim, qualquer gesto ou ação que faça perder tempo ou gastar energia desnecessariamente deverá ser eliminado em nome da maior eficiência. Dessa forma, o corpo se torna produtivo quando capaz de fazer mais coisas e resolver maior número de problemas no menor tempo e atingindo o objetivo da ação de forma mais precisa.

Novaes e Vilhena (2018, p. 84) afirmam que estamos vivendo uma “cultura do ligeiro”. Nela, as transformações tecnológicas são valorizadas e encontrar soluções para os problemas emergentes tornam-se foco do trabalhador que, na rapidez exigida pela busca de resultados, nem se dá conta das implicações da perda dos direitos trabalhistas e dos vínculos formais de emprego. Tal cenário abre espaço para disseminação acelerada do desemprego, da precariedade e da instabilidade das relações de trabalho. As autoras afirmam ainda que essas questões contemporâneas colocam sobre o sujeito o peso da insuficiência do bem-estar social, podendo trazer riscos à saúde física e mental dos trabalhadores.

É assim que essa nova roupagem do adestramento e da docilização do sujeito são acentuadas no contexto capitalista do século XXI: ele precisa não só ser produtivo todo o tempo, mas também estar disponível e preparado para reparar imprevistos e ‘se virar’ sempre que necessário. Nota-se, então, a construção social de um trabalhador que ‘faz de tudo’ no mercado de trabalho atual. Diz Foucault (1975/2018, p. 134): “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1975/2018, p. 134). Entretanto, essa nova docilização que aumenta as forças, conexões e capacidades do corpo em termos econômicos de utilidade, ao mesmo tempo diminui a potência política de luta e reivindicação (FOUCAULT, 1975/2018), reconfigurando também os pressupostos de uma servidão voluntária (LA BOÉTIE, 1571/2004), agora desejada e investida libidinalmente.

A narrativa neoliberal é enfática em relação à utilidade do corpo, colocando em evidência sua ânsia por uma meritocracia e da preparação infinita para o trabalho, exigindo uma infinidade de cursos preparatórios, bem como graduações e pós-graduações. Assim, mesmo que ao final do processo isso não se reverta em ganhos concretos para o trabalhador, alguns sujeitos se destacam perante os outros, aderindo a uma mesma lógica de evolução e colocando em curso um estado de competição e sobrevivência permanente. O sujeito se sobressai por aquilo que alcança e por aquilo que consegue fazer melhor, perpetuando a utilidade e a economia. E para aqueles que não se enquadram nesse novo quadro de exigências, Foucault (1975/2018) destaca que há sempre pequenos castigos, utilizando-se de métodos que são ‘suaves’ e imperceptíveis, com intuito de fazer ‘correções’. Isso coloca em prática o que ele denomina como uma “economia política do corpo” (FOUCAULT, 1975/2018, p. 29).

O corpo se tornou, a partir do fortalecimento do sistema capitalista, alvo de manipulações, modelações e treinamentos o que, por sua vez, o torna hábil e multiplica suas forças (FOUCAULT, 1975/2018). Atualmente, a máxima neoliberal da competição, eficiência e eficácia, atua por meio das instituições (a mídia inclusa), reforçando a exploração econômica do corpo por meio de dispositivos e ferramentas flexíveis como, por exemplo: o *coaching*, as literaturas de autoajuda, os gurus midiáticos bem como a exaltação de casos de sucesso. Além disso, reforça a necessidade de um corpo sempre saudável, que desempenharia a máxima adaptabilidade. A personificação de um corpo ‘faz-tudo’ é regida por um estímulo a superação infinita que reitera a produtividade e o alto desempenho.

Segundo Han (2018, p. 84) o “desempenho corporal deve ser melhorado através da autoferição e do autocontrole”. Ele ressalta que o sujeito contemporâneo é um empreendedor de si que se “autoexplora” (2018, p. 84), ao mesmo tempo em que é um fiscalizador de si próprio. O conceito de panóptico, trabalhado por Foucault (1975/2018) é revisitado e atualizado para o contexto neoliberal por Han (2018), que sustenta que não mais há um panóptico central que tudo vigia e fiscaliza. Agora

o sujeito “carrega consigo” um panóptico, “sendo ao mesmo tempo o guarda e o interno” (Han, 2018, p. 85). Assim, o monitoramento do sujeito é delegado a ele mesmo e aos que lhe são próximos.

Desfruta-se, hoje, de novas tecnologias. Mas, convive-se também com novas formas de controle e operações sobre os corpos que ajudam a reforçar a racionalidade neoliberal como um imperativo de verdade dos tempos atuais. Nessa direção, as disciplinas investem muito mais sobre a subjetividade do que sobre o seu corpo físico. Assim, o neoliberalismo “descobre a psique como força produtiva” (HAN, 2018, p. 40). Na pretensão de fazer a administração da psique, o corpo é transformado em um objeto de manipulação, controlado segundo os princípios do poder positivo da racionalidade neoliberal. O autor ainda afirma: “Em vez de superar resistências corporais, processos psíquicos e mentais são otimizados para o aumento da produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental” (HAN, 2018, p.40). Assim, uma série de novos mecanismos atua sobre os indivíduos trabalhadores, englobando as “psicotecnologias” (HAN, 2018, p. 40) digitais que operam para operar o que ele denomina como “otimização mental” (HAN, 2018, p. 40). Percebe-se, assim, como a racionalidade atual fabrica novas formas de exploração cada vez mais refinadas, redesenhando o imperativo da otimização do desempenho pessoal a qualquer custo.

Han (2018) destaca que as técnicas de dominação neoliberal visam explorar não apenas a jornada de trabalho, mas as pessoas por completo, requerendo sua atenção total e até a própria vida. Tal exigência investe, mesmo que de forma sutil e imperceptível, a colonização da psique, levando-o a agir por si só e sobre si mesmo, de forma que seja reproduzido o contexto da dominação, agora traduzido como “liberdade” (HAN, 2018, p. 44). Nesse processo, corpo e psiquismo são objetivos políticos operacionalizados para garantir uma maior exploração econômica. Se antes a subjetividade dócil levava majoritariamente à administração do corpo físico, hoje a racionalidade neoliberal leva a uma tentativa de administração da psique. Neste sentido, percebe-se como as relações de poder em contexto laboral se atualizaram, tendo como principal referência os valores de mercado. Dessa forma, cabe questionar: quais são os tipos novos investimentos que recaem sobre o corpo e sobre a psique? Como eles fomentam uma sociedade liberal-capitalista como a nossa?

A ideia do liberalismo econômico foi legitimada pelo inglês Adam Smith (1776/1983) em sua obra “A Riqueza das Nações”. Segundo ele, a liberdade individual estava atrelada à liberdade econômica e a não intervenção do Estado na economia. Isso levaria a uma autorregulação da economia pela dinâmica do mercado. Ainda, segundo Smith, a sociedade poderia ser mais justa, racional, eficiente e produtiva se houvesse mais espaço para livre iniciativa, ou seja, se as atitudes econômicas dos indivíduos e suas relações não fossem limitadas por regulamentos externos aos próprios mercados. Para o autor, deveria limitar a intervenção do poder político para permitir que os indivíduos vivessem da forma que quisessem, defendendo as suas liberdades individuais (SMITH, 1776/1983).

Tais ideias foram aprimoradas em função de diversos acontecimentos históricos. O fim da 1ª Guerra Mundial causou profundas mudanças em toda sociedade. A economia dos Estados Unidos se via num momento de forte expansão, entretanto, a Europa, cenário onde havia se concentrado a guerra, encontrava-se em ruínas. Com uma economia arrasada no pós-guerra, a Europa viu sua produção despencar e seu processo de reconstrução ameaçado. Dessa forma, entraram em cena as indústrias norte-americanas como resposta à necessidade de reconstrução e abastecimento dos mercados locais (HOBSBAWM, 1995).

Segundo Hobsbawm (1995), a economia até então se baseava na lei de Say, difusora da ideia de que a oferta cria a própria demanda. A lei de Say, entretanto, demonstrou-se falha e o capitalismo parecia sem rumo. A queda dos lucros, a retração geral da produção industrial, a paralisação do comércio, os preços e o *boom* econômico desmoronaram em 1929, culminando no chamado “crack da bolsa de 1929” (HOBSBAWM, 1995). A crise de 1929 demonstrou a instabilidade da liberdade do



mercado e, dessa forma, compreendeu-se a necessidade de elaborar maneiras de salvar o capitalismo (HOBBSBAM, 1995).

Nessa esteira, surgiu um pensamento econômico que defendia maiores gastos do governo como forma de incentivar a demanda, denominado keynesianismo.

Elaborado por John Maynard Keynes, o keynesianismo incentivava gastos e investimentos do governo como forma de gerar emprego, renda e dinamizar o processo econômico. O keynesianismo contribuiu para o surgimento do chamado Estado de Bem-estar Social (*welfare state*) que se fundamentou nos princípios de seguridade social, na ampliação das oportunidades de emprego e renda e, por fim, na ampliação das políticas sociais. Isso colocou em cena algumas políticas redistributivas e compensatórias, que teriam o objetivo de atenuar as desigualdades sociais (LUZIO-DOS-SANTOS, 2014).

Dessa forma, o Estado de bem-estar social é marcadamente conhecido como o período de 'ouro do capitalismo' no qual houve desenvolvimento econômico com garantias sociais como a seguridade social. Esta fornecia um amparo ao trabalhador caso ocorresse algum imprevisto como a perda temporária ou definitivamente de sua capacidade de gerar renda, bem como a ampliação e oferta de oportunidades de emprego e renda (garantia do pleno emprego), para a maioria da população nos países mais desenvolvidos (HOBBSBAM, 1995). O Estado de Bem-estar social funcionou razoavelmente bem em países como Reino Unido, França e Estados Unidos. Entretanto, o contexto histórico no qual esse tipo de Estado está entreposto contribuiu para seu próprio enfraquecimento dado o alto investimento demandado de seus governos. Além disso, uma nova onda de recessão econômica trouxe teóricos radicados nas correntes liberais que se pautavam no liberalismo econômico como a única alternativa para o Estado superar a crise instaurada praticamente em todo o mundo (HARVEY, 2008). É nessa corrente de pensamento que dois teóricos se destacam, sendo eles Friedrich Hayek da Escola Austríaca e Milton Friedman, monetarista da chamada Escola de Chicago. Esses nomes ficaram conhecidos como os pensadores da Universidade de Chicago, defensores radicais do liberalismo econômico (BLYTH, 2017). Seu objetivo, inicialmente, era combater o keynesianismo e o solidarismo e lançar as bases de um capitalismo mais duro e livre de regras estatais (ANDERSON, 1996).

Como assinala Harvey (2008), no neoliberalismo há um esforço em elaborar políticas econômicas de forma a liberar os mercados, reduzir o papel do Estado, reforçar desigualdades sociais e assim, limitar as opções de ação política e coletiva voltadas para defesa do bem comum. Um ponto-chave da ideia de Friedman era a desregulamentação do Estado. Por desregulamentação ele pretendia, além das flexibilizações do mercado, relativizar as leis trabalhistas, alterar regimes previdenciários e melhorar o quadro fiscal do Estado (austeridade). Todos esses princípios estão atrelados à eficiência de um Estado cada vez mais enxuto, funcional e, principalmente, flexível (DARDOT; LAVAL, 2016).

Com essas ideias em curso, os Estados passam a ser guiados pela lógica empresarial da concorrência, levando conceitos como eficiência, flexibilidade e governança (oriundos do meio empresarial) para dentro da máquina governamental. Com isso, o neoliberalismo se constitui como uma nova racionalidade de mundo, que estrutura e organiza tanto as ações dos governantes como a própria conduta dos governados. Trata-se de um "sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida" (DARDOT; LAVAL, 2016 p. 478). É necessário compreender que o neoliberalismo, conforme conceituado por Dardot e Laval (2016), "antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade". Dessa forma, ele tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas também a própria conduta dos governados. Por isso, as características centrais da racionalidade neoliberal são "a generalização da concorrência como norma de conduta e a empresa como modelo de subjetivação" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Assim, o neoliberalismo se consolida como forma de “regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado” (FOUCAULT, 1979/2010, p. 181). Portanto, ele é uma forma de desenvolvimento baseado na lógica normativa do mercado aplicada a uma lógica generalizada, ou seja, “desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade” (DARDOT; LAVAL, 2016). Ora, se o mercado ‘se comporta’ de modo eficiente e flexível, é necessário que o indivíduo e/ou o trabalhador se comporte da mesma forma, como destaca Sennett:

A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. Essa ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho, e também as palavras que empregamos para ele (SENNETT, 2015, p. 8).

Esse tipo de flexibilidade impõe ao trabalhador a construção de um corpo adaptável e fluido, à medida que exige uma ação performativa que pode ir além da descrição e enquadramento do seu cargo. Sob essa perspectiva, o corpo deve refletir a racionalidade neoliberal em sua forma mais precisa, aderindo a um melhor desempenho e avançando na própria produtividade (HAN, 2018). O que se vê no capitalismo avançado, então, é que o trabalhador se torna participante e responsável pelo seu desempenho. Praticamente, um empresário de seu próprio corpo. Afinal, o que se demanda é um solucionador de problemas. O sujeito desempregado ganha outro contorno. Agora ele é livre para se tornar ‘empreendedor’ e assumir a responsabilidade pelo seu destino, mesmo quando estatísticas declarem que o problema do desemprego não é individual, mas estrutural (DARDOT; LAVAL, 2016).

Além disso, o novo trabalhador, livre das vinculações trabalhistas, opta pela flexibilidade e pela suposta liberdade, assumindo todo o ônus das relações laborais, o que invariavelmente leva a horários que vão para além dos definidos pela legislação trabalhista, obrigações outrora atribuídas aos empregadores e endividamentos pessoais (LAZZARATO, 2018). Toda essa nova configuração neoliberal do trabalho aparece amplamente naturalizada como uma escolha livre e autônoma do trabalhador que em larga medida aderiu a tais valores. Com isto posto, é necessário questionar: de que forma o corpo e a psique do trabalhador respondem aos investimentos realizados pela racionalidade neoliberal que sobre eles recai?

## PERCURSO METODOLÓGICO

Antes de responder à questão acima colocada, cabe esclarecer o percurso metodológico trilhado na parte empírica deste estudo. O presente trabalho é qualitativo, descritivo e de campo que se esforça para compreender o campo problemático delimitado na perspectiva dos participantes (GODOY, 1995). Assim, buscar-se “descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1992, p.110), sendo que os pesquisadores levantam informações relevantes para descrevê-lo e analisá-lo.

Para a realização da coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada que tem como particularidade se basear nas teorias adotadas sobre o tema para a condução dos questionamentos sobre a experiência concreta dos participantes. Tal opção acaba “favorecendo não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e compreensão de sua totalidade” (TRIVIÑOS, 1987,

p.152). Nesse sentido, foram escolhidos três sujeitos que atuam como *freelancers* e em funções distintas para compreender as relações que seus corpos estabelecem na realização do cotidiano laboral. Os critérios para escolha dos sujeitos levaram em consideração: 1. O fato de estarem trabalhando como *freelancers* e terem essas atividades como principal fonte de renda; 2. O tempo de experiência na atividade (ao menos 1 ano); 3. A abertura para relatar e compartilhar a experiência. Os três *freelas* (palavra abreviada e utilizada popularmente para identificação desses profissionais) participantes desta pesquisa foram denominados com nomes fictícios para evitar sua identificação. Optou-se por apresentar os depoimentos de três participantes tendo em vista que os mesmos ofereceram conteúdos significativos sobre o trabalho realizado, estavam vinculados a campos laborais distintos e apresentavam histórias de vida diversificadas, fornecendo, assim, os elementos necessários para atingir os objetivos da presente pesquisa. O Quadro 1 apresenta as características gerais dos participantes da pesquisa:

Quadro 1 - Participantes da Pesquisa

Participantes	Descrição geral
Maria	Mulher, branca e de 33 anos, mãe de dois filhos, solteira. Atualmente, mora com sua irmã e tem como ocupação e fonte de renda o trabalho de faxineira <i>freela</i> em uma casa de entretenimento noturno. Possui o ensino médio completo e está desempregada, ou seja, sem trabalho formal há mais de um ano e meio.
João	Homem, negro e com 27 anos. Pai de um filho e solteiro. Atualmente, ele reside com sua mãe e trabalha como segurança <i>freela</i> em um bar e restaurante. Possui ensino médio completo e encontra-se desempregado há mais de um ano.
Francisco	Homem que se autodenomina pardo e tem 28 anos. Pai de quatro filhos e casado. Atualmente, mora com a família em uma casa alugada e trabalha como caixa de supermercado ao longo do dia e como garçom <i>freela</i> em um bar no período da noite. Possui ensino médio completo e encontra-se desempregado há quase dois anos

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Para analisar os dados coletados, foi utilizada a análise de narrativa. Conforme esclarece Gabriel (2004), as narrativas evidenciam os contextos de produção e os processos de legitimação de diferentes sentidos inscritos nos contextos sociais em que são produzidas. Sendo assim, elas são constituídas pela temporalidade da experiência e pelos sentidos que lhe são atribuídos, já que eles são afetivamente construídos e historicamente contextualizados. Assim, a narrativa é um discurso que aborda as ações que ocorreram no passado e que seguem no presente produzindo maneiras de existir e pensar (GABRIEL, 2004; GODOI; BANDEIRA-DEMELLO; SILVA, 2006).

A descoberta de temas é uma finalidade central na análise qualitativa da pesquisa. Sendo assim, durante a entrevista e, conseqüentemente, na transcrição, foram percebidos alguns temas recorrentes nas narrativas de todos os entrevistados. A partir dessa percepção, optou-se por analisar os dados em torno de três temas que foram recorrentes nos resultados, sendo eles: corpo,



desempenho e flexibilidade. Os três temas guardam relação direta com o embasamento teórico apresentado na primeira parte deste estudo.

## RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Como dito anteriormente, as narrativas coletadas por meio das entrevistas semiestruturadas foram divididas em três temas que serão apresentados na sequência. As temáticas abordadas foram: o corpo, o desempenho e a flexibilidade, sendo que para analisar cada uma delas serão apresentados fragmentos das narrativas dos três *freelas*.

### Corpo

A produção de subjetividades no contexto do capitalismo é amplamente atravessada por uma lógica de mercado liberal que atravessa o corpo e o psiquismo do trabalhador de maneira radical. Com isso, o corpo torna-se peça fundamental na constituição de subjetividades contemporâneas (COSTA, 2005), em especial quando analisamos o campo laboral. Tais atravessamentos podem ser constatados nas narrativas dos *freelas* participantes.

Quando questionados sobre a percepção de seu corpo como trabalhador *freelancer*, os entrevistados deixaram nítido que seus corpos são o que for necessário, que são corpos com multiplicidades de funções, ajustáveis, flexíveis e manipuláveis. Maria comenta:

*Ele pode quase tudo. Eu aprendi muita coisa, então o corpo da gente pode muito, basta a gente querer [...]. Tem dias que ele é uma pá, uma vassoura, um rodo. Meu corpo tem que ser tipo um robô. Tenho que aprender várias coisas para poder sobreviver, múltiplas funções (Maria, participante, 2020).*

Nesse primeiro fragmento já é possível notar que os valores de flexibilidade e adesão já estão incorporados pela Maria, que naturaliza tais dimensões como a única possibilidade de estar em atividade e ter acesso à renda. A narrativa de João apresenta outra face dessa exigência de flexibilidade quando reconhece:

*Na situação, eu acho que meu corpo tá tentando se encaixar, se adaptar. Freelancer é um pouco instável. Então, não adianta a gente achar que o corpo da gente tudo pode e tudo consegue, que não é assim. Meu corpo tá tentando se ajustar e por mais difícil que seja, a gente vai tentando” (João, participante, 2020).*

Os limites aqui narrados, entretanto, evidencia a vulnerabilidade do trabalhador àquilo que lhe é exigido e que se alterna a cada nova atividade. Já Francisco relata: “*Meu corpo é como uma ferramenta de trabalho. O que eu posso ou não fazer. É o meu trabalho como um todo. Assim como tem a máquina, meu corpo é a ferramenta*” (Francisco, participante, 2020).

As narrativas apresentadas acima indicam como e o quanto a racionalidade neoliberal afeta o sujeito em sua dimensão psíquica que repercute em todo o corpo. Assim, as exigências do cotidiano de um trabalho instável e precário legitimam a necessidade de um corpo que “faz tudo”, um corpo adaptável à demanda emergente, tal como defendido anteriormente por Han (2018). Nesse sentido, Foucault (1978/2018) corrobora com o seu conceito de corpo dócil, que tem como princípio a sujeição e a submissão constante do indivíduo ao trabalho e que na contemporaneidade ganha outros contornos (TARRÉS; MARTÍNEZ; MANSANO, 2016) e exige do trabalhador respostas compatíveis com a

situação emergente, ainda que para isso ele precise se refazer a cada instante, esforçando-se para “se encaixar” (João, participante, 2020).

Os investimentos sobre o corpo e a subjetividade são disseminados e associados à autonomia e liberdade. Estas se tornam alvo de aspiração pelo indivíduo trabalhador, que passa a investir libidinalmente os discursos neoliberais. Assim, os termos centrais das narrativas dos entrevistados, mesmo que de forma não direta, voltam-se para a flexibilidade e o desempenho. O corpo se torna uma máquina ou ferramenta que se esforça para ser modificada a cada nova demanda, reproduzindo no cotidiano das relações sociais o imperativo da busca pelo melhor desempenho e pelo caminho do sucesso como empreendimentos individuais.

Assim como uma máquina, o corpo do trabalhador do século XXI se tornou uma ferramenta complexa para execução das tarefas variáveis e incertas. Ele precisa se dedicar a tarefas distintas e buscar, por si mesmos, a melhor maneira de realizá-la. Nota-se, então, como as narrativas sobre o corpo tornam os estudos de Foucault (1975/2018; 1978/2018; 1979/2010) ainda mais atuais, pois as disciplinas que pretendiam a sujeição do indivíduo e o aperfeiçoamento do corpo dócil se refizeram e colocaram o próprio trabalhador a responsabilidade pela busca incessante por aumentam as forças e as habilidades. Como disse a Maria: “o corpo da gente pode muito, basta a gente querer”. Tal adesão naturalizada evidencia que o trabalhador tornou-se um “empresário de si” (HAN, 2018, p. 44) que supostamente tudo pode. Será mesmo? É o que veremos no próximo tema.

## Desempenho

A racionalidade neoliberal é permeada por noções como eficiência e eficácia, o que tem contribuído cada vez mais para construção de um tipo de trabalhador que precisa atingir um desempenho acima dos demais. No caso do *freelancer*, isso implica em ser um tipo de trabalhador que se torna participante e responsável pelo seu desempenho, fazendo-se e se apresentado ao mercado como uma empresa. Afinal, o que este último demanda é um corpo cujo desempenho geral seja criativo e solucionador de problemas (DARDOT; LAVAL, 2016). A respeito disso a Maria, que é taxativa quando narra:

*Fiquei uma semana fazendo a refeição para o pessoal que trabalha lá, preparava as porções e, até meia noite, eu ficava na cozinha. Depois ia limpar o salão. É assim, simplesmente te colocam lá e você tem que fazer... Se me pedirem para ir lá fora e contar quantas pedras tem o jardim, eu vou lá e faço isso. Mesmo sendo ruim (Maria, participante, 2020).*

A docilidade é reconfigurada uma vez que não se sabe, ao certo, para que o trabalhador foi contratado. Sem essa clareza, cabe desempenhar o que é demandado, buscando individualmente o preparo exigido para cada nova situação.

Já no caso dos *freelas* 2 e 3 narram outra face dessa adaptabilidade. Seu desempenho não consiste apenas em fazer além daquilo que está no escopo de suas atividades, mas também estarem dispostos a contornar situações desagradáveis que porventura possam ser vividas, seja com clientes, seja com um colega de trabalho. João relata: “*Alguns clientes me tratam bem, como alguém da família. Tem alguns que são mais fechados. E tem aqueles que sempre dão um probleminha. A gente sempre tenta contornar para que a pessoa saia com satisfação*” (João, participante, 2020). Essa prudência é necessária em um cenário precário de trabalho, visto que qualquer cliente pode fazer reclamações que sirvam como argumento para desligar o trabalhador da atividade. Francisco acrescenta:

*Ninguém gosta de passar um monte de hora fazendo alguma coisa, que já é um pouco desgastante, que é trabalhar. Ainda mais com esse trabalho que eu faço que é atendimento ao público. Eu gosto. Então, eu acho muito válido todo mundo trabalhar com um sorriso. Ninguém merece tratar o cliente com mau humor [...]. Eu tento contornar tudo da melhor maneira possível. E tem gente que tira a gente do sério mesmo. Mas, eu sempre tento manter meu sorriso e atender da melhor forma possível (Francisco, participante, 2020).*

A satisfação do cliente e o sorriso acabam sendo traduzidos pelos *freelas* como formas de melhoria do trabalho e, ao mesmo tempo, do desempenho. Ainda que não tenham vínculo empregatício ou uma relação formal de trabalho, precisam garantir a atividade da semana seguinte, fato que exige, de acordo com Sennett (2015 p. 132), “um eu maleável, uma colagem de fragmentos em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências — essas são as condições adequadas à experiência de trabalho de curto prazo, a instituições flexíveis e ao constante correr riscos”.

Executando uma rotina na maioria das vezes engessada, o trabalhador *freelancer* molda seu corpo e seu ritmo para atuar em diferentes áreas nos serviços. Os três *freelas* são unânimes a respeito disso quando destacam o caráter ‘faz-tudo’ presente no cotidiano. Narra Maria:

*A pessoa acha que eu tô ali e eu sou obrigada a fazer tudo. A gente tem um rádio com uma frequência nossa e daí quando chamam muito, você vai ver. A pessoa (contratada) não vai. Chamam o meu nome demais nesse rádio. No final da noite ou da semana, não recebo nem um obrigado. É assim, simplesmente te colocam lá e você tem que fazer ou não é chamado mais. Para você entrar às 19h00 e sair às 06h30, que é o horário que eu faço, eu tenho míseros intervalos de 20 minutos. É o tempo de ir ao banheiro, comer algo e já deu o tempo. Você não descansa. Já me chamaram atenção por tomar café fora de hora (Maria, participante, 2020).*

Conforme Foucault (1975/2018) destaca, o intuito de intervir sobre o corpo do trabalhador é o aumento de suas habilidades, aprofundando sua sujeição, tornando-o tanto mais obediente quanto útil. Neste caso, Maria pode ser a mais chamada pelo rádio porque é quem menos questiona as regras. Com isso, torna-se mais útil e mais obediente naquele contexto por temer as sanções que podem sobre ela recair.

Sennett (2015) ressalta que faz parte do funcionamento do capitalismo fluído e flexível a diminuição de barreira legais para que o trabalhador atue subordinado às regras fixas e eventuais, uma vez que seu trabalho é realizado a curto prazo e de modo precário, como o caso do *freelancer*. Sobre isso, relata João:

*Minha carga horária seria das 20h da noite às 4h da manhã. Daí, a partir do momento que passa, a gente recebe certinho. A cada hora a mais trabalhada aumenta 10 Reais. Você tem que fazer várias coisas ao mesmo tempo. A gente nunca faz apenas aquilo que nos é designado lá dentro” (João, participante, 2020).*

Já a respeito do *freelancer* 3, a contradição está mais uma vez presente em sua narrativa à medida que ele diz precisar fazer várias coisas ao mesmo tempo. Francisco relata:

*Tem vezes que eu tenho que fazer e tem vezes que não. Mas, eu não vejo problema nisso. Eu acho errado a gente ser cobrado por aquilo que a gente não é responsável e acontece isso nos lugares que eu trabalho. Mas, tenho que fazer várias coisas ao mesmo tempo, eu não acho isso errado. Eu tenho em mente que muitas vezes eu trabalho sem ter hora pra sair (Francisco, participante, 2020).*

A noção de certo e errado sobre uma mesma atividade se confrontam e o trabalhador acaba por desconhecer os motivos reais pelos quais foi contratado, reforçando a ideia naturalizada do 'faz de tudo'. As indefinições sobre as tarefas laborais, além da disponibilidade total aos horários demandados pelo mercado e da obrigação de fazer o que for solicitado são comuns nesse tipo de trabalho. Aliás, faz parte da nova configuração laboral já que "as empresas buscaram eliminar camadas de burocracia, tornarem-se organizações mais planas e flexíveis. Isso quer dizer que as promoções e demissões e as tarefas do trabalho não são claramente definidas" (SENNETT, 2015, p. 21).

Os três *freelas* destacam que 'fazem tudo' o que for preciso e solicitado, pois que têm medo de não serem chamados nas próximas escalas. A exploração colocada em curso por meio do desempenho atualiza frequentemente o risco de serem avaliados como trabalhadores ruins e facilmente descartáveis. Han (2018) destaca que a psicopolítica neoliberal trata de se ocupar da emoção para disseminar ações de obediência por meio de um nível pré-reflexivo, ou seja, simplesmente reproduzido frente o impulso da ação de mando. Acrescenta Han (2018, p. 86): "Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo".

## Flexibilidade

A flexibilização se tornou um imperativo que intervém diretamente sobre a vida e o corpo do trabalhador *freelancer*. Como assinala SENNETT (2015 p. 8) "se usa a flexibilidade como outra maneira de levantar a maldição da opressão do capitalismo. Diz-se que, atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade dá às pessoas mais liberdade para moldar suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles". Nas entrevistas, os *freelas* foram questionados sobre como sentem a flexibilização em seus cotidianos. Nas narrativas dos *freelas* 1 e 2 fica evidente a ideia de uma suposta flexibilização. Ambos destacam como esse ideal está longe de ser uma realidade. Ainda que haja liberdade na escolha de realizar ou não o trabalho, os profissionais estão presos a aspectos como a sobrevivência do cotidiano e a necessidade de ter uma renda para viver. Logo, se houvesse flexibilidade, os *freelas* poderiam apontar quais dias, horários e atividades podem de fato realizar. Maria faz a seguinte narrativa sobre a flexibilização:

*É uma afirmação falsa, porque eu não tenho flexibilidade nem de dia e nem horário. Se eu falar que não posso ir tal dia, eu corro o risco de ser cortada. Eles precisam de você naqueles dias. Então, quem escolhe os dias na verdade não é a gente, e sim eles, os patrões. O que mais me incomoda é o horário, porque nem para comer uma porção com o meu filho eu posso. No domingo de folga, depois de três dias exaustivos, eu só consigo dormir de tão puxado que foi (Maria, participante, 2020).*

A clareza sobre sua situação precária é conhecida e as críticas à flexibilidade são bem argumentadas. Mas, sem possibilidade de escolha para superá-la, uma vez que o foco está na sobrevivência. João enfatiza outro aspecto da flexibilidade ao comentar:

*"Eu não concordaria muito com isso. Por exemplo, quando eu chego lá para trabalhar, a primeira coisa que eu tenho que fazer é jantar. Depois, eu trabalho direto, sem parar, até a hora de ir embora, sem ter um momento de intervalo. Eu não acho que seja flexível" (João, participante, 2020).*

Fica nítida nas duas narrativas a insegurança quanto à flexibilização. O risco está no fato de que, ao não aderir a essa máxima de mercado, eles podem não ser escalados para os dias, o que significaria um desconto na renda. Conforme destaca Sennett (2015, p. 8), “é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir”. É precisamente o que relata Maria:

*Toda semana dá um friozinho na barriga com medo de não ser escalada. Geralmente, sou escalada três vezes na semana ou seja, de quinta a sábado, que são os dias que mais lotam. A escala é realizada pelo gerente operacional” (Maria, participante, 2020).*

Já João diz: “*Freelancer é algo que você nunca pode confiar. Você vive na base do escuro. Corre sempre o risco de perder constantemente, por qualquer motivo que seja*” (João, participante, 2020). Novamente vemos que a clareza da vulnerabilidade serve como um dispositivo para aumentar a adesão ao desempenho e à flexibilidade pela via da ameaça recorrente de perda da atividade (SENNETT, 2015). Isso, em larga medida, contribui para acentuar ainda mais a “corrosão do caráter” no campo laboral (SENNETT, 2015, p. 32).

O medo de perder o trabalho é um fator que impõe que os *freelas* aceitem os dias, horários e atividades para os quais são chamados, como reforça Maria, ao afirmar que abre mão de ficar com os filhos aos finais de semana: “*Eu abro mão de sair com meus filhos, de ir num jantar de família, numa reunião. Se eu fosse chamada terça e quarta (que também abre lá) eu ia gostar, porque daria uma variada, né?*” (Maria, participante, 2020). Como já argumentado com Sennett (2015 e Han (2018), a ideia disseminada de que há uma flexibilidade no trabalho de *freelance* fracassa à medida que eles não podem escolher nem os dias e nem os horários dos trabalhos, por terem medo de não serem chamados numa próxima escala e abdicar de estarem com filhos nos finais de semana. Então, a ideia de liberdade é uma farsa que pode ser confirmada por Han (2018) quando ele demonstra que as técnicas de dominação neoliberal exploram não apenas o tempo no trabalho, mas também as atenções totais (medos e inseguranças) e a própria vida do sujeito, chamado, então, a adotar uma dedicação total. Com isso, precisam aceitar o dia, horário e função que lhes são demandados e estar à disposição de seus contratantes. Assim, as narrativas dão visibilidade ao fato de que a definição e exigência flexível do trabalho cabe ao contratante, enquanto o ônus recai inteiramente sobre o contratado.

As narrativas de Francisco demonstram a dificuldade de perceber essa situação, uma vez que ele afirma ter flexibilidade e liberdade ao mesmo tempo. Ele narra:

*Independentemente de ser registrado, a flexibilidade a gente tem. Nos freelas, a gente tem a liberdade de conversar a respeito do trabalho. Eu posso ir ou posso não ir. Consigo achar gente pra substituir, desde que o gerente esteja de acordo. A gente tá lá cumprindo a mesma coisa que uma pessoa registrada faz. Temos a nossa responsabilidade também. O que a gente tem é uma liberdade maior de escolha, pelo menos no que eu estou (Francisco, participante, 2020).*

Possuir um contrato formal por CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e atuar como trabalhador precário (*freelancer*), entretanto, não diminui a carga de responsabilidade e implicação exigida pelo empregador. Segundo Sennett (2015), a economia flexível tem contribuído para consolidar um tipo de trabalhador de curto prazo. Para o autor, o elemento que aponta para tal mudança é o lema ‘não há longo prazo’. Assim: “No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho” (SENNETT, 2015, p. 21).



Nos casos das narrativas dos *freelas* aqui apresentadas, o fator efêmero do trabalho é amplamente marcado. João destaca que viver nessa instabilidade não permite que sejam feitos planos de longo prazo:

*Ficar no escuro é 100% instável. Você não sabe se vai trabalhar no dia seguinte. Não conhece a situação da empresa. Você é freelancer, não tem vínculo com a empresa. Isso incomoda bastante. Mas, na falta de trabalho na cidade, a gente acaba aceitando ser freela. Pra ter uma condição razoável (de renda) eu preciso trabalhar no mínimo quatro dias. Mas, infelizmente, pelo medo do vínculo empregatício, eles acabam fazendo a gente ir apenas dois dias por semana. Ser freelancer não é aquela melhor condição do mundo, mas não chega a ser tão horrível. É o melhor meio de sustento para quem está desempregado (João, participante, 2020).*

A oscilação entre a crítica e o adaptacionismo é marcante nessa fala, sendo esse um componente de subjetivação bastante comum nesse momento histórico. No caso de Maria, além de conviver com a insegurança, a falta de opção por um trabalho melhor limita seu grau de escolha, tendo de se sujeitar a uma jornada de trabalho além do regularmente legalizado. Sobre seu trabalho, ela relata:

*Eu estou vendo como o meu sustento, porque é a única coisa que eu tô fazendo. Então, não posso reclamar. Ao contrário, tenho que agradecer por ter esse freela para fazer, porque emprego está difícil. Eu ando fazendo várias entrevistas e tô torcendo para alguma delas dar certo (Maria, participante, 2020).*

Cabe dizer, por fim, que a insegurança gera dificuldades para um compromisso mútuo entre os *freelas* e os contratadores, como aponta Francisco: “*Eu priorizo os bares, que geralmente eu vou três vezes na semana e o outro bar que só abre aos finais de semana. Então acabo me organizando para conciliar os dois: sair de um e ir direto para o outro, como sempre acontece*” (Francisco, participante, 2020). A falta de confiança pode ser entendida como um efeito da organização flexível, sem qualquer vínculo de afeto como lealdade e compromisso, como aponta SENNETT (2015, p. 55), em vez de turnos fixos, que não mudam de mês para mês, o dia de trabalho é um mosaico de pessoas trabalhando em horários diferentes, mais individualizados”. Os efeitos dessa desconfiança recíproca ainda são pouco conhecidos nos meios laborais e sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que esta pesquisa demonstrou é que no contexto da racionalidade neoliberal há que se produzir um corpo obediente, dominado pela primazia do fazer e da performance. Isso gera um modo de subjetivação pautado na concorrência pela sobrevivência que coloca em cena o enfraquecimento da sociabilidade e até mesmo da existência. Afinal, o que nos tornamos diante de uma racionalidade que leva em consideração apenas a produtividade, o desempenho e a flexibilidade? Seria tal modo de subjetivação uma espécie de “penso, logo produzo?”

Várias são as técnicas elaboradas e disseminadas para valorizar esse tipo de ação, estando elas presentes na mídia, na gestão empresarial, nas aulas de *coachs*, no discurso dos ‘gurus’ de sucesso, nas literaturas de autoajuda e em uma série de outras ferramentas de mercado. Claro que elas são justificadas pelo suposto nobre objetivo de exercitar a mente, a criatividade e a resiliência. Entretanto, cabe questionar: quais são as novas exigências que recaem sobre o corpo e sobre a psique

em uma sociedade capitalista como a nossa? De quais maneiras o corpo e a psique do trabalhador respondem aos investimentos realizados pela racionalidade neoliberal que sobre eles incidem?

No modo de subjetivação capitalística, intensificado pela racionalidade neoliberal, o corpo do sujeito tem sido atravessado por narrativas como flexibilidade, desempenho, adaptabilidade e resiliência. Cada uma dessas narrativas de mercado carrega em si os ideais de eficiência e eficácia oriundos da administração de empresas e organizações. O que se consolida, nesse sentido, é uma pretensão de administrar corpos e afetos. Pretensão esta fundamentada não apenas no corpo docilizado e obediente, mas principalmente, nos dispositivos destrutivos que interferem na psique, reforçando o entendimento necropolítico de que, para conseguir algo, basta querer. Daí a recorrência do ditado popular “querer é poder”.

Há que se entender, entretanto, que as maneiras de organizar o trabalho, assim como as relações de vínculo social, vêm sendo alteradas ao longo do tempo. Nesse sentido, novas formas de sociabilidade e trabalho vêm surgindo, evidenciando a extensão e capacidade destrutiva do atual estado capitalista. A emergência histórica do *freelancer* em um momento de crise econômica global demonstra isso e ainda carece de amplos estudos por parte das Ciências Humanas e Sociais sobre seus efeitos psicossociais. Além disso, a crise evidenciada pela pandemia gerada pela SARS-CoV-2 atesta o fato de que uma parcela significativa de trabalhadores realmente não importa para essa organização socioeconômica vigente, tendo suas vidas colocadas em risco com a justificativa de não parar a economia.

Se, conforme demonstrado neste estudo, o corpo docilizado tal qual descrito por Foucault sofreu diversas transformações no contexto neoliberal, levando o trabalhador a adotar uma espécie de anestesia e adesão cega ao ‘faz tudo’ mercadológico, cabe analisar agora os efeitos que isso gera em termos psíquicos e políticos. Uma sociedade que adere cegamente aos valores de desempenho e flexibilidade destrutivos está, aos poucos, destruindo sua própria possibilidade de existência. Os corpos desses trabalhadores têm sido preparados e anestesiados para desempenhar jornadas de trabalho desproporcionais em troca de remunerações inferiores dos trabalhadores formais. Até quando isso será tolerado? Quais serão os efeitos de tal sujeição? A questão que se coloca ao final desse estudo é: vamos esperar para ver ou já é hora de assumir uma postura crítica em defesa da vida geral e da vida no trabalho? No entendimento deste estudo, essa hora já chegou há tempo e cabe agir no sentido de inventar e colocar em prática outras bases laborais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. E.; BRASIL, R. S.; NOGUEIRA, U. A. Novas carreiras em contraste com formas de trabalho tradicionais: home-office freelance. **Revista Digital de Direito Administrativo**, n.6, p. 32-46, dez. 2017.
- ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Org.) **Pós Neoliberalismo – As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- BAZELEY, P., JACKSON, K. **Qualitative data analysis with NVivo**. Los Angeles, CA: Sage, 2013.
- BLYTH, M. **Austeridade: a história de uma ideia perigosa**. Trad. José Antônio Freitas e Silva. São Paulo, Autonomia Literária, E-book, 2017.
- COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo. E-book, 2016.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Edições 70, 1979/2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975/2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 7ª ed., 1978/2018.

GABRIEL, Y. **Narratives, stories and texts**. In: GRANT, D.; HARDY, C.; OSWICK, C.; PUTNAM, L. *The sage handbook of organizational discourse*. London: Sage, 2004.

GODOI, C. K. ; BANDEIRA-DE-MELLO, R. ; SILVA, A. B. . **Pesquisa Qualitativa e o Debate sobre a Propriedade de Pesquisar**. In: *Pesquisa Qualitativa em Organizações: Paradigmas, Estratégias e Métodos*. 1ed. São Paulo: Editora Saraiva, v.1, p. 1-13, 2006.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. São Paulo: **RAE** – Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, p. 57-63, 1995.

HAN, B. C. **Psicopolítica e Neoliberalismo**. Belo Horizonte, Ayiné, 2018.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: História e Implicações. São Paulo, Edições Loyola, 2008.

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**: o breve século XX. 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras. E-book. 1995.

KAZI, A. G.; YUSOFF, R. M.; KHAN, A.; KAZI, S. **The freelancer**: A conceptual review. *Sains Humanika*, 2(3). p. 107-111, 2014.

KIM, H.; TONELLI, M. J.; SILVA, A. L. Do Formal ao Informal: Executivos que Migraram para o Trabalho Flexível. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 19, n. 63, p. 133-152, 2017.

LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Cultura brasileira, 1571, 2004.

LAZZARATO, M. **O governo do homem endividado**. São Paulo: Edições N – 1, 2014.

LUZIO DOS SANTOS, L. M. **Socioeconomia**: Solidariedade, economia social e as organizações em debate. São Paulo: Salta, 2014.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. **O Corpo que nos possui**: Corporeidade e suas conexões. Rio de Janeiro: Appris Editora, 2018.

RAINHO, J. M. **Jornalismo Freelancer**: empreendedorismo na comunicação. São Paulo: Summus, 2008.

RATCHER, L. **A informalidade do mercado de trabalho**: “Economia GIG” ou precarização do trabalho? (Parte I). Blog do Instituto Brasileiro de Economia, São Paulo, 07 de nov. de 2019. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/informalidade-do-mercado-de-trabalho-economia-gig-ou-precarizacao-do-trabalho-parte-i>. Acesso em 10 jun. 2020.

RESE, N.; KUABARA, F. H. S.; VILLAR, E. G.; FERREIRA, J. M. **O Vir a Ser da Estratégia como uma Prática Social**. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 21, n. 2, p. 227-248, 2017.

RYAN, G. W.; BERNARD, H. R. **Techniques to identify themes**. *Field Methods*, vol. 15, p. 85–109, 2003.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 16ª ed., 2015.

TARRÉS, J. P.; MARTÍNEZ, M. M.; MANSANO, S. R. V. **Corpos dóceis: novos contornos**. In: NALLI, M.; MANSANO, S. R. V. **Michel Foucault: desdobramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

UOL. **Desemprego no país sobe para 12,2% e atinge 12,9 milhões de pessoas**. Uol Empregos e Carreiras. São Paulo, 30 de abr. de 2020. Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2020/04/30/desemprego-pnad-continua-ibge.htm> > Acesso em 12 jun. 2020.

ZADIK, Y.; BAREKET-BOJMEL, L.; TZINER, A.; SHLOKER. Freelancers: una perspectiva de los managers sobre este **fenómeno**. **Rev. psicol. trabeculectomia órgão**, vol. 35, no. 1, Madrid, abr. 2019.

Recebido: 11 de agosto de 2020

Aprovado: 04 de março de 2021



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.